



ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL

ANO XX — N.º 61

CAPITAL FEDERAL

SABADO, 11 DE SETEMBRO DE 1965

ATA DA SESSÃO SOLENE REALIZADA EM 10 DE SETEMBRO DE 1965, PARA RECEBER SUA EXCELENCIA O SR. PRESIDENTE DA REPÚBLICA DA ITÁLIA, GIUSEPPE SARAGAT.

PRESIDENCIA DO SR. MOURA ANDRADE

Compõe a Mesa os Srs. Deputados Bilac Pinto, Presidente da Câmara dos Deputados e Senador Gilberto Marinho, José Feliciano, Pedro Carneiro e Gastão Müller.

As 17 horas e 30 minutos, acham-se presentes os Senhores Senadores:

Goldwasser Santos
Oscar Passos
Edmundo Levi
Martins Junior
Pedro Carneiro
Manoel Dias
Menezes Pimentel
José Bezerra
Pessoa de Queiroz
Heribaldo Vieira
José Leite
Aloysio de Carvalho
Josaphat Marinho
Eurico Rezende
Afonso Arinos
Gilberto Marinho
Nogueira da Gama
Moura Andrade
José Feliciano
José Elias
Plínio Müller
Gastão Müller
Afonso Fontana
O. Mondim
Mem de Sá — 25.

E os Srs. Deputados:

Acre
Geraldo Mesquita — PSD
Jorge Kelume — PSD
Mário Maia — PTB
Rui Lima — PTB

Amazonas
Djalma Passos — PTB
Leopoldo Peres — PSD
Manoel Barbuda — PTB
Paulo Coelho — PDC
Wilson Calmon — PSP (25-9-65)

Pará
Adriano Gonçalves — UDN (10 de setembro de 1965)
Burlamaqui de Miranda — PSD
João Menezes — PSD
Lopo Castro — PSP
Carvalho da Silva

Maranhão
Alexandre Costa — PSP
Eurico Ribeiro — PTB
Mattos Carvalho — PSD

Piauí
Chagas Rodrigues — PTB
Dyrno Pires — PSD

CONGRESSO NACIONAL

Ezequias Costa — UDN
Laurentino Pereira — PSD (5-10-65)
Moura Santos — PSD

Ceará

Alfredo Barreira — UDN (30-9-65)
Dager Serra — PTB (22-10-65)
Edilson Melo Távora — UDN
Esmerino Arruda — PSD
Leão Sampaio — UDN
Martins Rodrigues — PSD

Paraíba

Ernany Sátiro — UDN
Flaviano Ribeiro — UDN
Humberto Lucena — PSD
Jandui Carneiro — PSD
Luiz Bronzeado — UDN

Pernambuco

Aderbal Jurema — PSD
Andrade Lima Filho — PTB
Arruda Câmara — PDC
Augusto Novaes — UDN
Aurino Valois — PTB
Costa Cavalcanti — UDN
Geraldo Guedes — PSD
Magalhães Melo — UDN
Milvernes Lima — PTB
Nilo Coelho — PSD

Alagoas

Aloysio Nonô — PTB
Medeiros Neto — PSD

Sergipe

José Carlos Teixeira — PSD
Lourival Batista — UDN
Walter Batista — PSD

Bahia

Aloysio Short — UDN (4-12-65)
Edvaldo Flores — UDN (4-12-65)
Henrique Lima — PSD
Josaphat Azevedo — PTN
Josaphat Borges — PSD
Luna Freire — PTB
Manoel Novais — PTB
Manso Cabral — PTB
Mario Piva — PSD
Necy Novaes — PTB
Nonato Marques — PSD
Oliveira Brito — PSD
Pedro Catalão — PTB
Ruy Santos — UDN
Teófilo de Albuquerque — PTB
Tourinho Dantas — UDN
Vasco Filho — UDN
Vieira de Melo — PSD
Vieira de Melo — PSD
Gastão Pedreira — PTB

Espírito Santo

Bagueira Leal — UDN (19-11-65)
Dirceu Cardoso — PSD
Dulcino Monteiro — UDN
Floriano Rubin — PTN
Oswaldo Zanello — PRP

Rio de Janeiro

Adahuri Fernandes — PTB (4 de dezembro de 1965)
Afonso Celso — PTB
Bernardo Belle — PSP
Dado Coimbra — PSD
Fontes Torres — PSB

Geremias Fontes — PDC
Humberto El Jaick — PTB (4 de dezembro de 1965)
Raymundo Padilha — UDN
Roberto Saturnino — PSB

Guanabara

Afonso Arinos Filho — PDC (M.E.)
Arnaldo Nogueira — UDN
Aureo Melo — PTB
Breno da Silveira — PTB
Cardoso de Menezes — UDN
Eurico Oliveira — PTB
Expedito Rodrigues — PTB
Jamli Amiden — PTB
Noronha Filho — PTB

Minas Gerais

Adair Murta — UDN (4-12-65)
Abel Rafael — PRP
Aminatas de Barros — PSD
Aquiles Diniz — PTB
Bilac Pinto — UDN
Celso Murta — PSD
Generoso Pereira — PDC (4-12-65)
Geraldo Freire — UDN
João Hercúlio — PTB
José Bonifácio — UDN
Lycurgo Leite — UDN (S.E.)
Manoel de Alcêida — PSD
Nogueira de Rezende — PR
Ormeo Botelho — UDN
Oscar Corrêa — UDN
Padre Nobre — PTB
Padre Vidigal — PSD
Pedro Aleixo — UDN
Rondon Pacheco — UDN
Ultimo de Carvalho — PSD

São Paulo

Alceu de Carvalho — PTB
Batista Ramos — PTB
Campos Vergal — PSP
Celso Amaral — PTB
Derville Alegratti — MTR
Ewildo Pinto — MTR
Francisco Monteiro — PDC
Germinal Feijó — PTB
Herbert Levy — UDN
Italo Pittipaldi — PSP (S.E.)
João Lisboa — PTB (25-11-65)
José Barbosa — PTB
José Menck — PDC
Lacôrte Vitale — PTB
Lauro Cruz — UDN
Mário Covas — PST
Maurício Goulart — PTN
Nicolau Tuma — UDN
Pacheco Chaves — PSD
Pinheiro Brisolla — PSP
Plínio Salgado — PRP
Sussumu Hirata — UDN
Teófilo Andrade — PDC
Tufy Nassif — PTN
Ulysses Guimarães — PSD

Goiás

Benedito Vaz — PSD
Castro Costa — PSD
Geraldo de Pina — PSD
Jales Machado — UDN
José Craciuno — PSI (4-12-65)

Mato Grosso

Miguel Marcondes — PTB
Wilson Martins — UDN

Paraná

Emílio Gomes — PDO
Ivan Luz — PRP

Santa Catarina

Carneiro de Loyola — UDN
Oriando Bertoli — PSD
Pedro Zimmermann — PSD

Rio Grande do Sul

Afonso Anschau — PRP
Antônio Bresolin — PTE
Brito Velho — PL
Cld Furtado — PDC
Clovis Pestana — PSD
Creacy de Oliveira — PTB
Eulides Triches — PDC
Flóres Soares — UDN
Giordano Alves — PTB
Luciano Machado — PSD
Matheus Schmidt — PTB
Raul Pila — PL
Ruben Alves — PTB
Unirio Machado — PTB

Amapá

Dalton Lima — PSP (27-11-65)

Rondônia

Hegel Morhy — PSP

O SR. PRESIDENTE:

(Moura Andrade) — Está aberta a sessão do Congresso Nacional, destinada a receber o Sr. Ex.º o Sr. Giuseppe Saragat, Presidente da Itália. S. Ex.º já se acha no edifício do Congresso Nacional.

Designo a comissão de líderes dos partidos representados na Câmara dos Deputados e no Senado Federal a introduzir S. Ex.º neste plenário.

Os Srs. Congressistas terão a gentileza de tomar seus lugares.

Solicito aos assistentes que se acham ao fundo do plenário deixarem livre a passagem para S. Ex.º o Sr. Presidente da Itália.

(O Sr. Presidente Giuseppe Saragat, dá entrada no recinto, acompanhado da comissão de líderes.) (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE:

(Moura Andrade) — Senhor Presidente Giuseppe Saragat, o Brasil deve, como de resto todo o mundo, profunda gratidão ao povo italiano, pelo que dele recebeu na formação do trabalho e da riqueza nacionais; à Itália, pelo que ela contribuiu para a civilização; pelo que fez pelos homens de cada canto da terra, espalhando poesia, música, pintura e imagens de beleza para encantar-lhes as existências; pelo que ofereceu à Humanidade no campo científico, na formação de um Direito aprimorado, que através dos tempos tem sido básico à vida e à evolução das sociedades e dos indivíduos.

De outros povos poder-se-á dizer, igualmente, que deram à Humanidade profunda contribuição e criaram condições evolutivas e aperfeiçoadoras nos países sobre que influenciaram.

Há algo, porém, comovedoramente típico ao povo italiano, que o distingue em seu papel civilizador: os italianos, além de darem, a si próprios se dão. Integram-se por inteiro nas nações a que ocorrem; ali, oferecem a sua experiência, a sua capacidade criadora, o seu otimismo, a força do pensamento, a beleza do espírito. E tendo dado tudo quanto é de sua raça e de sua história, dão-se a seguir a si próprios, tomam como sua a língua da pátria nova, amam-na com o entusiasmo dos descobridores de novas vidas e levam à frente da saudade as suas esperanças reabertas.

Não existisse o incomensurável poder de integração social e racial, que define os italianos como homens que creem que pertencem ao mundo, — ao contrário de tantos outros que supõem que o mundo lhes pertence — e a Itália teria imposto a sua própria língua a um semi-número de nações. Entretanto, mesmo quando o Império Romano dominou totalmente o mundo de seu tempo, preservou ainda assim aquele mundo. Os poderosos romanos aprenderam as línguas dos povos dominados, respeitaram seus costumes, mantiveram seus tribunais, garantiram suas religiões, converteram-se, como Saulo e Constantino, falaram o aramaico, como Jesus, o hebraico, como Moisés.

Mesmo no fascismo, o Estado não conseguiu modificar o modo de ser de seu povo.

Hoje, o mundo em sua maior parte não fala o italiano. Mas, para glória de seu povo, o mundo canta, sente, vive e ama a sua bela pátria, Senhor Presidente, o seu "bel paese", cidadão Saragat.

Senhor Presidente Giuseppe Saragat: testemunhos a Vossa Excelência que no Brasil também foi e continua assim. Os italianos que vieram, passaram a pertencer-nos. Agora são nossos: não se surpreenda, ninguém, em vê-los tão brasileiros.

Todavia, na medida em que os sentimos nossos, nós nos sentimos deles. E vendo-os querer bem com tal intensidade ao Brasil, mais lhes retribuimos e mais agradecemos e queremos bem à Itália. (Palmas)

Vossa Excelência hega ao Brasil e nossa alma se toma de alegria pela presença da Itália, que honra e representa.

Desejamos aproveitar os instantes em que entre nós está o Chefe do Estado Italiano para cercá-lo de nosso carinho, de nossa admiração e de nossa amizade.

Reune-se, pois, o Congresso Nacional em homenagem ao Senhor Presidente e à Itália, a fim de que o Senado Federal, pela palavra do Senador Afonso Arinos e a Câmara dos Deputados, pelo discurso do Deputado Pacheco Chaves, saúdem Vossa Excelência, o Estado Italiano e o povo da Itália.

Dou-lhe as minhas boas vindas, Senhor Presidente Giuseppe Saragat, e convido para ocupar a tribuna o Senador Afonso Arinos. (Palmas prolongadas.)

O SR. AFONSO ARINOS:

Sr. Presidente do Congresso Nacional Srs. Congressistas, minhas Senhoras, meus Senhores, Sr. Presidente Giuseppe Saragat:

Ao receber-vos calorosamente, o Senado Federal do Brasil homenageia, a uma só vez, o Estado italiano e o povo da Itália.

De fato, coisa muito rara entre os homens públicos de qualquer país, vós apresentais, na vossa vinda e na vossa pessoa, os traços mais impressionantes e nobres da organização política de vossa Pátria e do caráter da vossa Nação.

Sois, assim, Senhor Presidente, um autêntico embaixador da Itália moderna, da Itália eterna; um embaixador

EXPEDIENTE

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA NACIONAL

DIRETOR-GERAL
ALBERTO DE BRITO PEREIRA

CHEFE DO SERVIÇO DE PUBLICAÇÕES
MURILO FERREIRA ALVES

CHEFE DA SEÇÃO DE REDAÇÃO
FLORIANO GUIMARÃES

DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL

Impresso nas oficinas do Departamento de Imprensa Nacional

BRASÍLIA

ASSINATURAS

REPARTIÇÕES E PARTICULARES

Capital e Interior	
Semestre	Cr\$ 50.
Ano	Cr\$ 96'
Exterior	
Ano	Cr\$ 136'

FUNCIONARIOS

Capital e Interior	
Semestre	Cr\$ 391
Ano	Cr\$ 762'
Exterior	
Ano	Cr\$ 1082'

— Excetuadas as para o exterior, que serão sempre anuais, as assinaturas poder-se-ão tomar, em qualquer época, por seis meses ou um ano.

— A fim de possibilitar a remessa de valores acompanhados de esclarecimentos quanto à sua aplicação, solicitamos dêem preferência à remessa por meio de cheque ou vale postal, emitidos a favor do Tesoureiro do Departamento de Imprensa Nacional.

— Os suplementos às edições dos órgãos oficiais serão fornecidos aos assinantes somente mediante solicitação.

xador especial, que pode estar seguro de levar pelo mundo, não apenas a autoridade de um governo livre e humano, mas as fortes, limpidas e práticas virtudes latinas, que há milhares de anos madrugaram no Lácio com a luz de uma cultura imorredoura. E este sol latino, até hoje longe do Ocaso, que tão bem representais na vossa vida de estadista e na vossa formação de intelectual.

Nós, latinos, não devemos subestimar o significado da nossa presença no mundo atormentado de hoje, nem descrei da importância da nossa contribuição humanística à abertura de caminhos, neste impasse, em que vivemos, de uma civilização paralisada entre o terror técnico e terror ideológico.

Vossa formação pessoal e política representa bem a adaptação desse velho humanismo latino às tarefas históricas do nosso tempo; o exemplo da vossa vida é uma indicação das possibilidades de que dispõe a nossa cultura comum, na solução dos problemas de agora e na construção de um melhor amanhã.

Nascido na bela Turim, capital desse Piemonte ao mesmo tempo tão italiano e tão universal, fostes, desde cedo, marcado pelo amor direto ao povo e à terra que vos cercava, e pela atração das idéias vindas de outras terras e outros povos, através dos mares e fronteiras que cercam o vosso torrão natal.

Desde muito jovem vos reunistes ao grupo de moços que se congregavam em torno de Piero Gobetti, o grande pensador e polemista piemontês que, no seu periódico, a "Revolução Liberal", logo identificou os pendores ditatoriais e reacionários do então socialista Benito Mussolini. Aquela mesmo Piero Gobetti, vosso mestre, que enfrentou a ditadura fascista com a maior coragem e elevação moral; que foi insultado, incompreendido, agredido até fisicamente, e que teve de se exilar em França, onde veio a

morrer, sem ver a liberdade restaurada além dos Alpes.

Inscrito no Partido Socialista vossa ação começou a se tornar notória, quando da reunião do Congresso Partidário, após o assassinato do deputado Matteotti pelos fascistas. Data dessa época vossa elevação ao diretório do Partido. Mas, em breve, o fascismo proscrevia, na Itália, a liberdade política. Preferistes, então, o exílio, e vos refugiastes na Suíça, naquele mesmo ano de 1926, em que vosso primeiro mestre, Gobetti, morria em Paris, no triste exílio dos intelectuais que não se curvam, nem se corrompem.

Para Paris seguistes também, mais tarde, e ali vos reunistes a outro ilustre italiano, Filippo Turatti, o velho pensador e lutador do socialismo democrático, então já no fim da sua gloriosa vida. Pode dizer-se que estes dois grandes homens, Gobetti e Turatti, vos inculcaram o que há de melhor na vossa formação de homem político latino: a confiança na paz entre as nações e no progresso social dos povos, dentro da liberdade e dos valores morais.

Justamente em homenagem à memória de Turatti, morto em Paris, como Gobetti, escrevestes uma das melhores páginas da vossa obra de pensador político. Nela afirmais o seguinte:

"A civilização do princípio do século não era comum a todos os povos e a todas as classes sociais: era patrimônio de poucos povos e de classes privilegiadas. A massa das nações e a massa dos povos sentiram-se estranhas, em certo momento, a um Mundo que não era seu. Desde esse momento a divisão se desenvolve em busca de suas conseqüências, das quais a guerra civil e a guerra mundial não são senão aspectos."

E, mais adiante, acentuais:

"No mesmo período ocorreu o fato provavelmente mais grave do século: a fratura da classe trabalhadora. Era fatal que a violência desencadeada na guerra fosse seguida pela violência como força decisiva da História, e era inevitável que, frente à realidade brutal daquele tempo, que parecia, desmentir as esperanças do socialismo democrático, os totalitários se pusessem contra os democratas como inimigos implacáveis."

A esta divisão anti-humanista dos ideais humanos, que tão bem indicastes, veio juntar-se, depois, o diabólico poder de uma ciência que pode tudo destruir, sob pretexto de salvar. Assim, entre as ameaças de escravidão, de um lado, e de destruição, do outro, encontra-se a Humanidade, desde que foram esquecidos os valores latinos de Humanismo; estes valores que alguém já definiu como sendo a fusão harmônica da Filosofia grega, do Direito romano e da Moral cristã.

A vossa posição política humanística era profunda e sincera; por isto mesmo resistiu sem esmorecimentos a todos os reveses imediatos, impostos pela expansão fascista. Com efeito, seguindo uma lógica cruel, as ditaduras alemã e italiana, depois de submeterem os seus respectivos povos e assaltarem algumas nações mais próximas, lançaram-se à conquista do mundo. Seus sucessos inauguraram fulminantes. Só a velha Inglaterra, liderada pelo maior dos seus filhos, resistia impávida na fortaleza inexpugnável da sua ilha. Com a queda de Paris, refugiastes-vos na douta Tolosa, cuja Universidade é dos mais potentes focos da cultura jurídica mundial. Naquele ilustre centro de saber vos juntastes a outros patrióticos exilados e exercestes intensa ação clandestina contra o invasor nazista. Retornando secretamente à Itália, conhecestes a prisão, de que vos pudestes evadir, e prosseguistes sem desfalecimento na luta contra o invasor tedesco, ao mesmo tempo em que participastes da organização de democracia italiana, cujo restabelecimento se aproximava. Restaurado o regime democrático, depois da vitória fostes ministro e, depois, embaixador em Paris, posto que deixastes para integrar a Assembleia Constituinte italiana, como deputado de Roma. Com Presidente dessa Assembleia tivestes a honra de proclamar oficialmente implantação da República, no vosso País. Dai por diante vossa vida política tem-se desenvolvido em uma ascensão. Chefe partidário e fundador de um partido; embaixador, deputado, ministro, Vice-Presidente do Conselho, coube-vos também, ante de serdes elevado à suprema magistratura, a tarefa de dirigir a política externa italiana. Como Chanceler defendestes a personalidade italiana no plano europeu e mundial; esforçastes-vos pela integração e autonomia da Europa, inclusive com a participação inglesa, sem nunca descurar dos interesses reais da Aliança Atlântica. Em suma, realizastes o verdadeiro papel do Ministro do Exterior de um Estado soberano, que é o de não perder de vista, em primeiro plano, personalidade e os interesses reais do próprio país, no quadro da fidelidade às causas comuns supranacionais.

Vossa eleição para Presidente da República, pelo Colégio eleitoral que predomina o Parlamento, verificou-se ao termo de 21 escrutínios, realizados entre 16 e 23 de dezembro de 1964. Chefe de um pequeno partido em concorrência com candidatos provenientes das maiores correntes partidárias italianas, vossa vitória, termo de longa decantação de idéias, representou a confiança

ral na vossa ação de socialista democrático, de pensador político e de lutador pela paz. Como quinto Presidente da República da Itália, viestes suceder imediatamente a Antonio Segni, o fino e honrado filho da Sardenha, outro exemplar de autêntica liderança humanística, política e intelectual, com quem, como embaixador do Brasil, tive a honra de me entreter nas Nações Unidas, na Conferência do Desarmamento, e, já Presidente, no Palácio Quirinal, em Roma. Sucedeis, pois, imediatamente a Antonio Segni, de quem se disse que possui "proibida exemplar e antiga sabedoria", e continuais a linhagem do enérgico Giovanni Gronchi, do sapientíssimo Luigi Einaudi e do fundador dessa ilustre linhagem republicana, Enrico De Nicola. Raramente um país terá reunido elenco sucessivo de tão altas virtudes republicanas, tão bem preparados e prudentes timoneiros da nau do Estado; capazes de equilibrar os seus poderes arbitrais com o dinamismo de um sistema parlamentar que foi a força central da reconstrução da Itália. Reconstrução firmada na aplicação dos princípios humanísticos de um governo capaz de atentar para as necessidades coletivas, sem descurar dos valores individuais.

Vossa orientação pessoal, dentro do movimento nacional e internacional do socialismo, reflete perfeitamente essa linha de pensamento. A divisão do socialismo entre as tendências democrática e totalitária conduziu à implantação do comunismo em certos países, antes da primeira guerra mundial, e do fascismo, em outros, depois dela. Nunca perdestes o equilíbrio entre as solicitações socialistas e a crença democrática. Enquanto prestigiosos companheiros se deixavam atrair pela aliança com as posições totalitárias, tiestes sempre o senso necessário para conservar vossas posições liberais, dentro da doutrina socialista.

De resto, essa direção de progresso social, fundado nos valores do espírito e nos direitos básicos do indivíduo, constitui uma espécie de leito comum, que conduz, no mesmo objetivo, as principais correntes democráticas italianas. É como um largo rio, que recebe afluentes de diversa origem, misturando as forças de ideologias diferentes e levando-as para o mar do futuro. Não se nota, com efeito, diferença de substância entre os objetivos, e mesmo entre os métodos principais da vossa ação política e aqueles da Democracia Cristã, que, radicados desde o princípio do século no pensamento de Giuseppe Toriolo e desenvolvidos, depois, por Luigi Sturzo, encontraram no grande Alcides De Gasperi o seu primeiro intérprete e executor. (Palmas).

No magnífico discurso com que vos apresentastes, como Presidente, ao Parlamento italiano, fixais alguns pontos básicos dessas vossas concepções comuns a toda uma geração de estadistas. Ali salientastes a importância da luta pela paz e pelo desarmamento, e observastes que o caminho que pode conduzir ao desarmamento é o da distensão internacional e não o do agravamento das confrontações mundiais. Ali recordastes que — e estas são as vossas próprias palavras — "a salvaguarda da função parlamentar é a salvaguarda da democracia e a condição primeira para o desenvolvimento da justiça social". Ali dissestes claramente que — e são ainda palavras vossas — "as realizações sociais mais responsáveis e corajosas devem remover, segundo as palavras da Constituição, os obstáculos de ordem econômica e social que, limitando de fato a liberdade e a igualdade entre os cidadãos, impedem o pleno desenvolvimento da pessoa humana e a efetiva participação de to-

dos os trabalhadores na organização política, econômica e social do País".

Senhor Presidente, esta é a estrada reta do Humanismo latino, a nossa insubstituível contribuição para vencer os riscos do presente e abrir um caminho mais digno e feliz aos nossos descendentes. Não é uma estrada suave, mas, ao contrário, áspera e penosa. A vitória de vossas idéias, na Itália, e êxito indiscutível da orientação que, como outros ilustres italianos, destes à República, mostram, porém, que aquela contribuição é valiosa e, mesmo, inevitável.

A mingua de imensos potenciais armados e colossais recursos econômicos não exclui que o futuro se desenhe mais de acordo com as nossas tradições latinas de humanismo, fundado nas idéias de paz, de liberdade e de solidarismo social, idéias que são substanciais à nossa Igreja de Roma. É com a tranqüila confiança neste futuro, do qual o Humanismo latino e cristão será uma dos construtores, que vos saudamos, Senhor Presidente, vindo em vós um dos líderes de nossa causa, que é a influência moral e intelectual da latindade, como valioso elemento de orientação para os temores e perplexidades de nosos tempos. (Palmas).

Saudando-vos, relembramos também, carinhosamente, o vosso povo, que há mais de um século mistura o seu ao nosso sangue, labora ao nosso lado, integrado conosco, nos campos e nas fábricas. Saudamos este povo italiano tão rico de virtudes humanas, que é um dos elementos mais fortes na formação do povo brasileiro, pela ampla miscigenação, e pela funda afluência cultural e artística, científica e religiosa.

Podemos, assim, dizer que, ao saudarmos em vós o vosso povo, estamos, de fato, nos festejando a nós mesmos.

Finalmente, Senhor Presidente, em vós glorificamos a Itália, (Palmas) País em cujo louvor todos os superlativos empalidecem; expoente supremo e milagroso da perfeição paisagística e monumental; esta Itália que sentimos tão nosa, e que representa, em si mesma, pela sua história, pela sua cultura e pela sua beleza, uma das provas de que a Terra — os homens — foram criados por Deus. (Palmas prolongadas).

O SR. PRESIDENTE:

(Moura Andrade) — Tem a palavra o Sr. Deputado Pacheco Chaves. (Palmas).

O SR. PACHECO CHAVES:

Excelentíssimo Senhor Presidente do Congresso Nacional. Senhores Senadores e Deputados. Minhas Senhoras, Meus senhores.

Excelentíssimo Senhor

Giuseppe Saragat,

Presidente da República da Itália: Saudá-lo em nome da Câmara dos Deputados do Brasil, na esplêndida oportunidade de sua visita oficial ao nosso País, constitui para mim, representante de São Paulo — Estado onde os laços afetivos, culturais e sócio-econômicos são tão estreitos com a Itália —, honra particular e grande satisfação.

Apraz-me, também, saudar a brilhante comitiva que acompanha Vossa Excelência e na qual se salienta a personalidade do Ministro do Exterior Amintore Fanfani (Palmas), político experientado, professor universitário e economista de fama internacional.

Não é esta, Senhor Presidente, a primeira vez que temos a honra de recebê-lo no Brasil. O seu interesse

pelos nossos problemas e o alto valor que atribui às relações íntimas entre nossos povos foram testemunhados na visita anterior que nos fez, alguns anos antes de ser elevado — como coroarmento de uma das mais vivas carreiras de estadista do nosso tempo — ao supremo cargo público da Itália.

Velo Vossa Excelência espontaneamente, para entrar em contato direto com o nosso povo, nossas regiões e nossas instituições. E sobre essa experiência escreveu uma série de artigos, admiráveis de lucidez e compreensão e, ao mesmo tempo, expressivos da forte impressão que a civilização brasileira deixou no seu espírito, tendo-se, pois, tornado um conhecedor dos problemas brasileiros. Por isso, a visita de Vossa Excelência será fecunda para o pleno entendimento e colaboração entre nossos dois países.

O Mundo moderno tem dado ênfase, de preferência, às relações econômicas entre Estados. A política exterior tradicional, que sempre se assentara na personalidade dos diplomatas e em sua acuidade e inteligência, vê-se, muitas vezes, superada pela preminência e importância dos problemas econômicos. Então, são questões práticas de comércio exterior, desenvolvimento, ajuda econômica e tantas outras que dominam a pauta dos contatos internacionais, introduzindo, nesses contatos, a fria objetividade dos números e as estreitas limitações de sua interpretação.

A sua visita, Senhor Presidente da República da Itália, foge a esses inconvenientes e escapa a essas exigências. As relações entre o Brasil e a Itália cristalizaram-se, ao longo do tempo, de forma tão poderosa e tão completa, que o dado econômico é um fator, entre outros, dos nossos interesses comuns, mas não se reduz a eles, nem os explica.

A contribuição italiana à formação do Brasil contemporâneo foi feita de sangue, de amor, de lutas comuns, de renúncias e sacrifícios recíprocos, de identidade de espírito, de fusão com a terra, de comunhão cultural.

Na época conturbada e difícil da formação da sociedade capitalista do Século XIX e do grande impulso vital que desencadeou a expansão política das Américas, é que se delineou, decisivamente, a contribuição demográfica da Europa em sua formação e, no caso brasileiro, especificamente, a contribuição do sangue, do trabalho e da cultura italianos em nosso desenvolvimento.

Mais de 45 milhões de europeus deslocaram-se rumo às Américas, entre 1820 e 1914. Destes, cerca de 3,5 milhões escolheram o Brasil, e, entre estes, 900 mil eram italianos. A importância do fluxo migratório para os países que o receberam mede-se por alguns dados singelos: no início do Século XIX a América Setentrional era habitada por 25 milhões de pessoas, e a Meridional, por 9 milhões, dos quais apenas cerca de 3 milhões no Brasil. O México e os Estados Unidos, então, tinham a mesma população, mas os Estados Unidos receberam 32 milhões de alienígenas. No Brasil, repetiu-se o fenômeno. O Estado de São Paulo recebeu 56% do fluxo migratório que nos procurou: sua população, cerca de 1,3 milhões de habitantes, que, em 1890, ocupava, no País, o terceiro lugar, cresceu rapidamente. Minas Gerais, que, àquela época, possuía três vezes a população de São Paulo, já em 1930 apenas a superava em dez por cento, sendo suplantada nos anos seguintes. A explicação é fácil: São Paulo recebeu, só em 1897 e 1901, respectivamente, 67 e 84% do fluxo migratório, e, deste, é necessário salientar, mais de 40% eram constituídos de italianos.

A participação italiana no progresso brasileiro, pois, foi decisiva. Dos

saldos do comércio exterior do Brasil, nasceram os investimentos de infraestrutura, que permitiram a expansão econômica de São Paulo e o deslanche do grande surto de desenvolvimento. O café, em sua arremetida civilizadora, criou lavouras, estradas de ferro, vilas e cidades. A prosperidade econômica promoveu o comércio, a rede bancária e a crescente industrialização do País. O café foi e ainda é centro da nossa vida econômica, e os impulsos de elevação da riqueza nacional coincidem com os altos níveis de comercialização da safra cafeeira.

Ora, quando essas condições se criaram no Brasil, a grande imigração havia começado, e nela, para nós, a presença dos italianos. Hoje não podemos sequer imaginar esse ciclo econômico sem a participação do trabalho dos italianos e de seus descendentes, de tal forma estão eles vinculados a nosso progresso.

Perdoe-me, Senhor Presidente Saragat, esta digressão pelos números e pelo passado, mas estes números e este passado evocam a própria evolução histórica do Brasil e devem ser familiares aos ouvidos de Vossa Excelência. A Itália ainda hoje contribui com sua mão-de-obra para o progresso de vários países, e, para que essa imigração não se tornasse um sério problema, teve que haver uma solução italiana, encontrada na comunidade econômica europeia ou concretizada em acordos bilaterais de trabalho, estatuidos-se a equiparação entre o trabalhador italiano emigrado e o nacional dos países que o recebem. Trata-se de um dos pontos altos da diplomacia italiana e que justamente apreciamos.

Mas a contribuição da Itália, na formação do Brasil moderno, não foi apenas quantitativa. Foi importantíssima, quanto à qualidade. Navegadores, colonizadores, defensores da liberdade, cientistas, botânicos, sacerdotes, juristas, artistas, homens de negócio, trabalhadores especializados, em todos os setores da vida brasileira essa influência se fez sentir, imprimindo características indeléveis em muitos Estados do Brasil, especialmente no Rio Grande do Sul e em São Paulo.

Os nomes italianos avultam na nossa história, tanto política quanto econômica, literária, jurídica, artística ou científica. Devemos aos italianos e seus descendentes tanto o pioneirismo na expansão cafeeira como na criação de setores relevantes do parque industrial de São Paulo. Devemos-lhes a cultura da uva e do vinho no Sul, tanto quanto teorias jurídicas e a advocacia de alto nível; a cultura da cana-de-açúcar, quanto as indústrias têxteis e, mais recentemente, as mecânicas. No setor artístico, em época decisiva, Marinetti foi um ariete precipitando a antevéspera do Brasil moderno, que foi a Semana de Arte de 1922.

Por isso, Senhor Presidente, não o recebemos apenas como o chefe de uma nação que deseja estabelecer acordos conosco, mas sim como o magistrado supremo da Itália eterna, matriz de língua e de cultura, que na hora do nosso despertar para o Século XX nos enviou os seus filhos, cheios de força, alegria e entusiasmo, para plantarem nas nossas terras continentais os fundamentos de uma nova potência, trabalhadora e pacífica, e aqui gerarem os elos de sangue que os tornaram, pelos seus descendentes, filhos e artífices do novo Brasil.

Homem do Piemonte, Senhor Presidente da Itália, nascido em Turim, onde se plasmou a unidade italiana, onde se localizaram muitas das suas mais importantes e modernas indústrias e de onde proveio a elite política que governou e está governando a

Itália do nosso tempo, é Vossa Excelência alguém capaz de compreender profundamente o momento brasileiro, como incentivar a entendimentos para a solução de questões comuns de integração econômica, bem-estar social e desenvolvimento cultural, que são a essência do que nossos dois países buscam ardorosamente. Até os Santos piemonteses conspiraram para torná-lo, Senhor Presidente, um devoto da nossa grei: Dom Bosco é o padroeiro de Brasília, nova Capital do Brasil!

A importância e a significação de sua visita, Senhor Presidente, não se cifram, entretanto, repito, em termos de política econômico-financeira, mas avaliam-se num contexto complexo de afinidades, que é expressão de interpenetração cultural e de identidade de princípios e aspirações que regem a nossa civilização.

Não foi impunemente que coube a um genovês apontar o caminho da América, na aurora dos tempos modernos; não foi por mero acaso que Vesputci, em 1499, atingiu a foz do Rio Açu, no Rio Grande do Norte. Foi, porém, profético, os irmãos Adorno integraram a frota de Martim Afonso de Souza; Tereza Cristina, princesa napolitana, ser a nossa Imperatriz e durante quase meio século habitar o Brasil; Zambecari ser um dos líderes de uma das nossas revoluções libertárias, a dos Farrapos; Garibaldi vir descobrir Anita, no sul do Brasil, no limiar das suas lutas pela unificação italiana, e fundir sua alma com a dos precursores dos nossos ideais republicanos, e o jornalista Libero Badaró morrer em São Paulo, proclamando ideais de liberdade.

E foi, por fim, decisivo, Senhor Presidente, que nos últimos vinte anos do fim do século passado a Itália abraçasse seus flancos para nos dar o melhor de sua seiva humana e, com seus homens e mulheres robustos, sanguíneos e joviais, semeasse, nas terras do sul do Brasil, a pujança do destino do novo mundo.

Para concluir, Senhor Presidente, quero evocar algo que me é muito caro e que menciono aqui para justificar, mais do que as minhas pobres palavras, a honra que me foi dada de ser o intérprete, nesta hora, dos votos fervorosos de boas-vindas dos deputados do Brasil. Em 1988, o Visconde de Parnaíba, um dos artífices da imigração européia para nosso País, criou uma sociedade denominada Sociedade Promotora de Imigração, que se transformou num instrumento eficaz desse afluxo histórico de italianos para o Brasil. Entre os diretores da sociedade figuravam Elias Antônio Pacheco e Chaves, meu avô, e Martinho da Silva Prado Júnior, meu tio-avô.

E, pois, com a sinceridade dos que se vincularam pelo sangue à glória

da presença da Itália no Brasil, que eu o salúdo, Senhor Giuseppe Saragat, em nome da Câmara dos Deputados do Brasil. (Palmas prolongadas).

O SR. PRESIDENTE:

(Moura Andrade). Tenho a honra de, neste instante, dar a palavra a S. Ex^a o Sr. Presidente da Itália, Sr. Giuseppe Saragat. (Palmas).

O SR. PRESIDENTE GIUSEPPE SARAGAT

Senhores Presidentes do Senado Federal e da Câmara dos Deputados, Digníssimos Membros do Congresso, sou-vos profundamente grato pela honra que me fizestes, convidando-me a tomar a palavra perante este Congresso. A emoção que sempre experimento ao achar-me entre os representantes eleitos de um país torna-se particularmente viva neste caso pelos muitos laços que há séculos unem nossas nações e pela função do primeiro plano que o vosso país desenvolve na construção de um mundo livre da opressão e da pobreza.

Sou grato ao Presidente Moura Andrade, ao Senador Afonso Arinos e ao Deputado Pacheco Chaves pelas expressões que usaram para comigo e para com o país que tenho a honra de representar.

Itália e Brasil têm raízes comuns que não pertencem somente ao passado, mas se traduzem em uma significativa comunhão de idéias e de convicções. São movidos pelo mesmo amor à liberdade, pelo mesmo respeito à dignidade do indivíduo, pelo mesmo sentimento de solidariedade humana que vós exprimeis admiravelmente com a constituição de uma sociedade integrada em que estão representadas as estirpes mais diversas. Nossas nações têm enim um igual amor pelas letras e pelas artes, uma igual necessidade de precisão e de clareza: exigência esta, que vós traduzistes, em modo exemplar, na arquitetura de vossa Brasília.

Os elementos de ordem histórica e cultural que unem nossos países, acrescentaram-se de um século a este tempo numerosíssimos vínculos humanos através da chegada na vossa terra de milhares e milhares de italianos: que contribuíram, com sua operosidade, para a criação do Brasil moderno. Acolhendo-os com a vossa fraterna hospitalidade, ajudastes a Itália no momento mais difícil de seu desenvolvimento econômico-social. Desejo valer-me desta solene ocasião para agradecer-vos em nome da nação italiana pela humana solidariedade de que o Brasil deu prova em relação à nossa emigração.

Unidos por tantos vínculos históricos e humanos, e traduzindo sua amizade em formas concretas de colaboração política, Itália e Brasil podem

olhar com confiança o presente e o futuro.

O grande problema de nosso tempo é constituído pelas condições de subdesenvolvimento econômico em que se acha tão grande parte da humanidade. Elas constituem um desafio que a nossa consciência de homens livres deve registrar. E hoje nosso precípua dever eliminar os desequilíbrios econômicos e sociais que ainda afligem tanta parte da humanidade. (Palmas.) Devemos, pois, demonstrar com os fatos, e no espaço desta geração — porque a humanidade necessitada não está mais disposta a esperar indefinidamente (palmas) que o regime de liberdade não pode apenas continuar assegurando casa e pão a quem já os possui, mas deve outrossim dá-los aos que estão privados deles; (palmas) que a democracia é — não só em abstrato, mas também concretamente — o mais eficiente e justo dos regimes políticos; (palmas) que democracia e justiça social são conceitos inseparáveis e componentes essenciais de uma mesma visão política. (Palmas.)

Itália e Brasil, que herdaram da história e da natureza desequilíbrios sociais, geográficos e econômicos que preocupam ainda hoje seus dirigentes políticos, seus economistas e seus representantes sindicais, sentem a urgência de enfrentar este problema e os imperativos morais ainda mais que os políticos que ele comporta. Mas não nos podemos limitar a combater nossos males e nossos desequilíbrios nacionais. Em virtude da obrigação que temos de humana solidariedade a que nossas consciências não podem permanecer insensíveis, e pelas próprias leis da economia, não é possível hoje levantar uma barreira entre a própria prosperidade e a miséria alheia, fechando os olhos aos problemas que afetam o mundo. (Palmas.) E' este, a parecer, o quadro em que se precisa ver o que está acontecendo hoje nos Países da América Latina. A grande experiência que eles iniciaram para eliminar os desequilíbrios de caráter econômico e social é uma batalha que agrupa todos os homens livres, é uma prova para nossa capacidade de resolver, num clima democrático e com meios democráticos, os grandes problemas da nossa época. (Palmas.)

A estrada que escolhestes é a justa. As tentativas que se vão realizando entre vós e em outros países latino-americanos para instaurar no vosso continente acordos regionais e formas de integração econômica suscetíveis de oferecer às vossas indústrias um continente inteiro merecem toda a colaboração por parte do mundo livre. Nós italianos, que há vinte anos ou mais já trabalhamos por uma entidade européia aberta e sensível às exigências de uma vasta cooperação internacional, estamos mais do que nunca convencidos de

que a criação de antigas formas neste continente possa grandemente facilitar a solução de vossos problemas, transformando rapidamente a América Latina num fator sempre mais determinante de bem-estar e de paz para o mundo inteiro. (Palmas.)

O Brasil, que já desenvolve nas Nações Unidas, na FAO, na Comissão de Genebra para o Desarmamento e em todas as organizações internacionais, uma ação iluminada e utilíssima, é chamado pela sua posição geográfica, pela imensidade de seu território, pela energia de seus homens, pelos seus imensos recursos naturais, a desempenhar um papel eminente neste processo de desenvolvimento e de progresso. (Palmas.) O trabalho que o espera será em boa parte — como sempre acontece nas democracias — trabalho de seus legisladores. (Muito bem.)

Senhores Presidentes do Senado Federal e da Câmara dos Deputados, Excelentíssimos membros do Congresso, hoje, sobrevoando desde Recife até Brasília uma parte vagem do vosso imenso território, alternado, porém, de inúmeras estradas de rodagem que atestam as continuas lutas do homem, pude constatar o que é na sua realidade o Brasil. O Brasil é o mais gigantesco desafio dos homens do nosso tempo numa imensa e ágrapa natureza que deverá ser conquistada. (Palmas.)

A vós, que deveis interpretar as exigências do vosso povo nesta grande missão que a história lhe reservou, eu trago hoje os votos mais fraternos e a saudação mais afetuosa de uma nação amiga. Viva o Brasil! Viva a Itália! Viva a amizade italo-brasileira! (Muito bem; muito bem. O senhor Presidente da Itália é aplaudido vivamente.)

O SR. PRESIDENTE:

(Senador Moura Andrade) Convido a Comissão de líderes a, juntamente com o Sr. Presidente da Câmara dos Deputados e comigo, acompanharem S. Ex^a o Sr. Presidente da Itália e sua ilustre comitiva ao Salão Nobre do Congresso Nacional.

Puderam sentir os nobres congressistas o brilho da inteligência, a segurança cívica, a compreensão universal do ilustre cidadão que acaba de falar-nos — o grande homem da Itália, o Presidente Saragat. (Palmas.) Todos nós desejamos tenha S. Ex^a no Brasil feliz estada e que leve daqui a profunda consciência dos profundos e inquebrantáveis elos que unem a nossa pátria à sua.

Com estas palavras, declaro encerrada esta sessão e convido os senhores Congressistas a irem ao Salão Nobre, onde S. Ex^a o Presidente Saragat, receberá o cumprimento de todos. (Palmas, Palmas.)